DISCURSO DE LUIZ AUGUSTO DE FREITAS PINHEIRO EM SUA CERIMÔNIA DE POSSE COMO HONORÁRIO NACIONAL DA ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA

EM 21 DE OUTUBRO DE 2021

Exmo. Sr. Presidente da Academia Nacional de Medicina, Prof. Dr. Rubens Belfort Júnior, cumprimentando-o saúdo a todos os membros desta Academia: Titulares, Eméritos, Honorários, Beneméritos e aos funcionários.

Uma calorosa saudação aos presentes neste encontro virtual: familiares, colegas amigos.

Senhoras e Senhores:

Cumpre um agradecimento inicial a todos os Acadêmicos que me concederam o laurel de Honorário Nacional desta nobre e secular Instituição, os quais personifico nos Confrades: Omar da Rosa Santos, amigo sincero e dileto há exatos sessenta anos; Pietro Novellino, cuja fidalguia e lhanza do trato a todos encanta; Cláudio Tadeu Daniel-Ribeiro, amigo e companheiro de

aproximadamente, vinte anos; Aníbal Gil Lopes, fonte de sabedoria e de humanismo.

A todos os meus familiares, que são numerosos e não há como nomeá-los. Evidentemente, devo uma especial deferência à minha mulher, Fátima, a meus filhos, Jovita, Leonardo e Marcelo, às noras Flávia e Gláucia e aos netos do meu coração, Ana Carolina, Larissa, Leo, Jhennifer e Thainá.

Aos amigos e colegas, grato sou pela certeza de que compartilham comigo a emoção do momento.

A todos os meus professores representados por minha tia Delfina de Freitas Gomes e Raul Carlos Pareto Júnior.

Uma mensagem de carinho e de saudades aos colegas falecidos.

À Secretária da ACAMERJ Sra. Alita Baptista dos Santos, pela assessoria com a

atenção e a presteza com que sempre me cumulou e cumula.

E, finalmente, porém sempre precedendo a tudo, agradeço a Deus por permitir e ajudar a uma criança nascida em uma pequena cidade das Gerais completar o seu nunca pensado currículo com a distinção que recebe nesta tarde.

Senhoras e Senhores:

Havia preparado um discurso cartesiano, conciso, relativamente polêmico, sobre o evoluer da Humanidade e do Homem, do barro ao barro, valorizando a vida e tentando prorrogar essa Odisseia do retorno ao máximo, dela colhendo todos os bons momentos como serão, tenho certeza, os de convivência com os pares da ANM. Entretanto, assistindo à Sessão Ordinária do dia 7 de outubro passado, de premiação aos autores de Crônicas Médicas, observando a carga de emoção e de deferência à atuação de vários médicos, decidi deixar o discurso racional para alguma outra possível apresentação e redigir este, de cunho sentimental, talvez um pouco romântico, para homenagear um médico com o qual convivi por longos 71 anos: meu pai, que foi muito melhor do que eu.

A ele, Thales, e também à minha mãe, Odette, desejo transferir as homenagens desta data.

Meu pai é médico, nascido em 1911, graduado em 1935 pela antiga Faculdade

Nacional de Medicina, e falecido em 2011, com 100 anos e três meses de idade.

Logo em 1936 instalou-se em nossa terra natal, Palma - Estado de Minas Gerais. Cidade pobre, de poucos recursos, tendo, à época, uma população de, aproximadamente, 21.700 habitantes em todo o município, que era grande.

Durante 36 anos foi o único médico na cidade. Era ele, e ele só, e mais duas farmácias. Sem qualquer outro recurso de exames complementares, ou para internação dos pacientes. E foi essa medicina que o vi praticar, desde onde tenho lembranças. No consultório, localizado no porão da casa de meus avós maternos, onde atendia de tudo - de pequenos ou médios procedimentos cirúrgicos, fraturas, a doenças clínicas - somáticas ou psíquicas.

Nas viagens para atendimento domiciliar, desde os 5 anos acompanhava-o em sua “baratinha” - os mais velhos saberão do que se trata -, por estradas vicinais em péssimo estado, esburacadas, poeirentas e com muitas porteiras: a razão de minha presença era exatamente em função desses obstáculos, abrir e fechar porteiras. No destino, ou eu ficava na sala da sede da fazenda, quando o atendimento era para o proprietário ou familiares, ou no quintal das choupanas de pau a pique, cobertas por sapê, sem assoalho e sem instalações sanitárias.

Ele levava uma maleta bojuda, com

aparelho de pressão, estetoscópio, otoscópio, rinoscópio, termômetro, pás de fórceps, curetas, pinças, tesouras, agulhas, agrafes, seringas etc, etc. Muitas vezes o vi ir à cozinha, colocar uma bacia com água no fogão a lenha, nela imergir os materiais necessários ao procedimento a fazer, e esperar ferver. Depois enxugava e completava a assepsia com álcool. Após esses cuidados primários, realizava partos, curetagens, suturava feridas, retirava corpos estranhos ou miíases das narinas ou dos condutos auditivos, “encanava” membros superiores ou inferiores etc. Além da atenção às patologias clínicas: gripes, pneumonias, úlceras pépticas, anemias (a grande maioria por necatorose), e outras mais, que na linguagem popular do matuto, eram conhecidas como: “vento virado”, “espinhela caída”, colate (corruptela de colapso), “nó nas tripas”, “quebranto”, e por aí vai... No seu trabalho profissional, jamais colocou preço, era o que o paciente podia pagar.

Se não pudesse, ficava no “Obrigado doutor!” ou no “dispois nois acerta”, e este podia ser com galinha, ovos, laranjas, um cacho de bananas, mandioca, couve, cabeças de alface etc, ou simplesmente caia no esquecimento - já estava pago por sua simples noção de servir ao próximo.

Sendo assim, por essas e muitas outras razões, costumava afirmar que conhecia

“um pouco de muitas coisas” e intitulava-se “Médico da Roça”, justificado nesta poesia, que sua alma de poeta elaborou:

MÉDICO DA ROÇA

Quem é você?...

Sou aquele caminhante,
que sozinho e confiante,
deixa o conforto da cidade grande
e se perde no sertão!

Para que?...

Para cumprir uma nobre missão:
levar consolo à casa do aflito,
suavizar a dor do pequenito,
que chora sem saber porquê...
Sofrer onde haja sofrimento,
sorrir quando o sorriso aparecer...
Chorar baixinho para não trair
sua angústia, seu pesar, seu sentimento!
Sou aquele que vara noites acordado,
e desolado...

Vê a morte chegar, devagarinho,
ao lar do pobrezinho...

Mas luta e treme e se desgasta,
e vence a morte que, afinal, se afasta!

Misto de homem e de santo,
vivo de riso e de pranto,
pois, nas noites infindas de agonia,
sou aquele que traz esperança
e o milagre para o ser que então morria...
Brilhe lá fora o sol,
que ruja a tempestade,

na treva ou na bonança,
sou o homem da esperança,
da fé,
da caridade!

Sou aquele que, ao lado
do leito da mulher
humilde e sem brilho,
se agiganta e vibra emocionado,
no momento sublimado
dos vagidos do primeiro filho!

Sou o ser que não se ilude,
e, na falência dos poderes seus,
eleva o pensamento a Deus,
pedindo: “Senhor, perdoa se não pude!”
Sou aquele que, no fundo da choupana,
ao simples se irmana
e luta contra o mal e vence a dor...
Sorrindo, quando alguém lhe diz:
“Obrigado doutor”.
Sou o homem da palhoça...
O médico da roça!

Também, durante muitos e muitos anos,
cuidou dos velhinhos do “Asilo São Vicente
de Paulo”, voluntariamente, sem qualquer
estipêndio, e a eles, dedicou este poema:

LAR DE SÃO FRANCISCO

Num parque antigo e mal cuidado
os três conversavam bem baixinho,
comentando coisas do passado:
uma árvore, um pássaro e um velhinho.

Disse a árvore

“Já fui tronco vigoroso,
fui amada e tive amor.
Já dei sombra e dei frutos,
tive pássaros nos ramos, tive flor.
Hoje, árvore morta, ninguém me quer,
não sou abrigo e não sou porta,
como outrora,
por onde entrava um riso de mulher.
Aqui estou, sem folhas, ressequida,
sem frutos, sem flores e sem vida”.

E disse o pássaro:

“Já fui jovem também.
O céu foi meu caminho,
a quadra azul dos meus folguedos.
Num galho teu, um dia construí meu ninho
e vivia a cantar pelos vargedos,
às matas, ao sol, à primavera!
Como doce era a vida! Como era!
Agora, pássaro tristonho,
vivo aqui, sozinho, com meu pranto,
infeliz e desprezado, já não canto!”

E por fim, disse o velhinho:

“Sob tua copa, óh árvore amiga,
eu me escondi da tempestade.
Ouvi a música do ninho
e o trinar do passarinho.

Tive consciência do dever cumprido:
fui bom filho, bom pai e bom marido”.

E o velho, olhando ao longe,
olhando o nada,
cabeça baixa, terminou chorando:
“Mais chocante do que tu, árvore morta,
mais triste que pássaro sem canto,
mais terrível que criança abandonada,
é o velho esquecido num asilo!
Sem rumo e sem norte, vagando por aí,
fui conduzido a este lar abençoado
que me acolheu.

Vem ver-me!

Vem falar ao velhinho tão tristonho,
sem esperança e sem sonho!
Dizem que, lá fora, é belo o dia!
Deixa que um pouco de alegria
me conforte o coração.
Pelo menos um sorriso,
um aperto de mão!

Volve para este lar os olhos teus!

Deposita o teu amor, o teu carinho!

E receberás em dobro!

Pois aqui, meu amigo, é o Banco de Deus!

Em 1991, solicitei que compusesse um soneto para colocar no “Boletim do Coração”, jornal de divulgação do Hospital Centrocardio, em Niterói, e, dias depois, recebi pelos Correios o soneto intitulado:

CONTRASTES

Alados seres que se lançam nas alturas,
perfumadas flores que brotam pelo chão.
Longe do céu, longe de Deus, nas desventuras,
tudo se agita em perenal contradição.

Mimosa e singela nas águas mais impuras
desponta, às vezes, uma flor de perfeição.
As promessas de amor, febris, em ternas
juras,
nunca são as mesmas em cada coração.

Há risos de alegria paralelo ao pranto.
Há laivos de virtude nas mais vis entranhas.
Nasce esperança onde havia desencanto.

E o mesmo sol, viril, que vivifica os ninhos,
pondo chispas de luz no cume das montanhas,
transforma num brilhante e seixo dos
caminhos!

Quando completou 80 anos, em 1991, foi minha vez homenageá-lo com uma singela poesia:

RIMA INTERROMPIDA

Venho falar-te de coisa conhecida
porém por muitos esquecida.
Algo que não é água nem comida,
oxigênio ou forma parecida,

mas alimenta e motiva a vida.
Carinho na hora da partida,
força no adeus da despedida.
Caminho, luz, meta perseguida,
de roto coração, alma ferida.
Do pai amigo, companheira querida,
expressa de forma contida,
quase desapercibida.
Para dizê-la, será a rima interrompida:
“Essa coisa é o amor...”

No passado, interrogava-me se meu pai era um “médico-poeta” ou um “poeta-médico”. Mas logo me convenci de que era, mesmo, um “poeta-médico”, pois o médico se forma, mas o poeta já nasce feito, apenas se aprimora.

Essa simples e sentida homenagem que faço hoje a meus pais, pois minha mãe foi também um sólido alicerce para nossa família, desejo estender à toda classe médica que se dedica, sem limites, aos seus pacientes, mormente durante essa pandemia que suportamos, arriscando a própria vida. E são, frequentemente, esquecidos e, pior, insultados e condenados por uma parte da sociedade por adotarem essa ou aquela conduta.

Sempre que vou à minha cidade, visito o cemitério onde estão sepultados meus pais, avós, bisavós, tios, primos e outros parentes.

Levo flores e faço minhas preces para todos. Na sepultura de meus pais, não consigo imaginá-los sob lápide. É como se estivesse gravado o auto epitáfio de Mario Quintana, grande poeta e pensador gaúcho, a me dizer: - “Eu não estou aqui”. Sim, para mim eles estão em todos os lugares, em nossos corações, abençoando e protegendo a família e a todos que lhes são caros.

*Antes de encerrar, devo dizer que meu grande amigo e colega Omar, cinzelador de palavras, produziu uma escultura melhor que o modelo. Agradeço o exagero.

Mais uma vez, minha gratidão à ANM por me conceder esta significativa honraria que, emocionado, recebo nesta etapa de minha vida.

BOA TARDE, OBRIGADO!

*Parte inserida de improviso.